



20(2):5-8
jul./dez. 1995

EDITORIAL

A década de oitenta assinalou um momento importante no direcionamento dos estudos no campo da Educação, expresso no reconhecimento de que a “feminização” da docência, fenômeno detectado em quase todos os países, representava transformações profundas neste campo, com implicações não apenas para os estudos sobre o trabalho docente, mas também para aqueles relativos ao currículo e à organização da escola.

Em nosso meio, uma entrevista de Michael Apple a *Educação & Realidade*, em 1986¹ — em que este declarava ter passado a reconhecer a impossibilidade de se compreender a educação sem levar em conta as categorias *sexo* e *raça* — tornou-se um marco nas discussões de cunho sociológico sobre questões educacionais em nosso país. Em 1990, outro artigo publicado em *Educação & Realidade*, desta vez uma tradução² da versão francesa do texto da norte-americana Joan Scott — *Gender: a useful category of historical analysis*, teve grande repercussão entre pesquisadoras e pesquisadores brasileiros por ter tornado acessível, em língua portuguesa, o debate iniciado anos antes, nos países de língua inglesa e francesa³, sobre a importância da categoria *gênero* para o campo das ciências sociais em geral, e em particular para os estudos sobre História e Educação.

A alusão a esses trabalhos publicados em *Educação & Realidade* visa ressaltar a preocupação da revista em contribuir para a introdução e o aprofundamento de temáticas que têm representado transformações e até mesmo mudanças radicais no encaminhamento de discussões em algumas áreas com implicações para o campo educacional. Seguindo esta tradição, no ano em que a revista completa vinte anos de publicação ininterrupta, colocamos em destaque o tema *Gênero e Educação*.

Dois motivos nos mobilizam nesta direção. Um deles é o de homenagear o grande contingente de mulheres que labutam na seara da Educação, possibili-

tando-lhes participar de uma discussão atualizada que focaliza as múltiplas faces das implicações do gênero na Educação. Muitos/as poderiam perguntar por que uma discussão sobre gênero homenagearia as mulheres. E eu diria, inspirada em Scott, que, se gênero é o domínio primário do social onde o poder se exerce e a partir do qual se articula a organização concreta e simbólica da vida social, as mulheres, sempre tratadas desigualmente, serão beneficiadas ao tomar contato com análises que contribuem para identificar e compreender as relações assimétricas de poder em que estão envolvidas e capturadas. O outro motivo está relacionado com o fato de que vivemos um momento em que as reflexões sobre gênero, inicialmente impulsionadas pela preocupação com o feminino, passam a privilegiar a dimensão relacional contida no conceito, bem como colocam ênfase na perspectiva sociocultural que tende a tomar o gênero como uma construção social. Essas análises, não apenas centradas no masculino e no feminino, mas nas imbricações de gênero com outras categorias como raça, classe, etnia, etc., expressam a grande vitalidade deste enfoque que tem se constituído em manancial para novas investigações.

O primeiro artigo que apresentamos na seção *Tema em Destaque* é a versão revisada da tradução do já mencionado trabalho de Joan Scott publicado em *Educação & Realidade* em 1990. A republicação deve-se a estar esgotado aquele número, fato que impossibilitaria a muitos leitores e leitoras retomar a leitura do antológico texto de Scott, no qual a autora argumenta em favor da utilização da categoria gênero e introduz uma discussão pioneira do conceito, examinando, minuciosamente, suas implicações para os estudos históricos. Cinco anos após a publicação, entre nós, do trabalho de Scott, no segundo artigo dessa seção, Guacira L. Louro apresenta uma análise daquele texto-chave, destacando sua ampla repercussão entre as estudiosas e estudiosos brasileiros e questionando, de certa forma, a qualidade das produções teóricas resultantes de sua utilização. Louro preocupa-se em desenvolver uma reflexão que permita examinar as consequências da teorização de Scott sobre gênero. Leva em frente seu projeto perscrutando os suportes teóricos que embasam a autora, apontando para as evidências de aproximação das reflexões pós-estruturalistas e discutindo as implicações políticas e pedagógicas desse posicionamento. A “construção” e “desconstrução”, de que fala o título escolhido por Louro, talvez tenham um sentido muito forte, referido às tramas em que se envolve (mas não se enreda) alguém que se dispõe a tal empreendimento.

A inclusão do texto de Pierre Bourdieu — *A Dominação Masculina* (terceiro artigo da seção *Tema em Destaque* deste número) — representa o final feliz de uma conversa com o autor, iniciada há alguns anos por Tomaz Tadeu da Silva, e retomada, agora, por *Educação & Realidade*, objetivando obter autorização para a publicação da versão em língua portuguesa do artigo apresentado originalmente em francês, em 1990, em *Actes de la recherche en sciences sociales*. Na carta enviada a *Educação & Realidade*, concordando com a

publicação em nossa língua, o autor conta-nos que relutava em autorizar a publicação por já ter trabalhado bastante o texto, após sua primeira publicação. De clara, contudo, render-se à evidência de que a versão definitiva ainda não está concluída e que não saberia fazer previsões sobre isso. Sentimo-nos distinguidos com sua anuência ao nosso pedido e satisfeitos por poder fazer circular entre os leitores e leitoras brasileiros o estudo que tem sido um marco nas análises sociológicas da relação masculino-feminino.

Os dois trabalhos que completam a coletânea sobre *Gênero e Educação* voltam-se para diversificadas dimensões da construção histórica e social dos gêneros. A contribuição de Valerie Walkerdine é especialmente importante no que se refere às professoras, na medida em que procura crivar os elementos discursivos e lógicos que possibilitaram atribuir um caráter essencialista à vinculação entre magistério e gênero feminino. Argumentando numa perspectiva não iluminista a autora coloca sob suspeição o projeto que naturalizou este vínculo e examina como estas idéias foram incorporadas não apenas à forma como pensamos sobre a capacidade de usar a razão mas, também, à forma como este conhecimento constitui um componente central de aspectos de governo (num sentido foucaultiano). Ela chama a atenção para como a incorporação das idéias que impregnam as práticas regulativas sociais vai tornando naturais certas “verdades” que, como tal, passam a regular os discursos sobre as práticas.

Por sua vez, Robert W. Connel, em *Politics of the changing men* — ensaio originado de apresentação do autor em Conferência sobre Reprodução e Mudança na Masculinidade, em 1994, na Alemanha — desenvolve uma discussão sobre a transformação da masculinidade, enfoque ainda pouco comum entre nós. De inquestionável relevância para os debates sobre gênero, certamente um dos grandes méritos desse trabalho é o de destacar a urgência de políticas e ações que encaminhem para uma possibilidade, não apenas remota, de uma civilização em que igualdade de gênero e tolerância sexual sejam rotina.

Para enriquecer o cenário de tão significativas discussões em torno das relações de gênero, duas obras importantes são analisadas na seção *Resenhas Críticas*. Mauro Grün percorre inquiridoramente as páginas de *A transformação da intimidade*, de Anthony Giddens, formulando um instigante convite à leitura do livro que parece estar causando inquietude e desconforto em boa parte da intelectualidade ocidental contemporânea. Sandra Corazza, por sua vez, apresenta-nos uma original resenha em três atos e oito quadros, relatando sua aproximação à obra de Alícia Fernandez — *A mulher escondida na professora* —, interessante trabalho que vem despertando a curiosidade de professoras e de estudantes de Pedagogia.

Os demais artigos que compõem este número de *Educação & Realidade* tratam de variadas temáticas. Ana Mae T. B. Barbosa brinda-nos com uma sugestiva reflexão sobre Educação e desenvolvimento cultural e artístico, na qual examina conceitos importantes como *diversidade cultural*, *multiculturalidade*,

interculturalidade e ecologia cultural. Rosa Maria B. Fischer, lançando mão de referencial teórico foucaultiano, apresenta e discute o caminho metodológico que vem adotando para estudar como se constituem e funcionam, nas diferentes práticas sociais, os discursos circulantes dirigidos aos/as adolescentes. Sandra M. Corazza, também recorrendo a Foucault e, de certa forma apontando para a mesma perspectiva analisada por Walkerdine, examina o caráter produtivo dos Pareceres Descritivos utilizados nas práticas avaliativas escolares. Segundo a autora, ao des-singularizar todas as crianças, esse mecanismo contribui para instituir uma criança-escolar modelo, tomada como “normal”, “natural”, “verdadeira”, e perfeitamente afinada com a idéia de infância fabricada pela modernidade.

Os risos do palhaço (ou do xamã? Quem sabe?) ressoam nas páginas da revista ao longo do estudo em que John Cowert Dawsey percorre dois livros — *Rituais na escola*, de Peter McLaren (1992) e *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem*, de Michael Taussig (1980) — numa tentativa de examinar as tensões criadas por algumas aproximações do xamã concebidas por McLaren.

O artigo de Lucíola L. de C. P. Santos completa este número de *Educação & Realidade* com o trabalho em que identifica, na literatura internacional, novas orientações analíticas e metodológicas de pesquisa sobre as disciplinas escolares. Tais tendências têm ressaltado, cada vez mais, a importância de se considerar as peculiaridades conjunturais da inserção curricular dos saberes escolares no estudo da história social do currículo e das disciplinas.

Muitas pessoas foram importantes para a composição deste número da revista. Registro, contudo, um agradecimento a Guacira Louro e Tomaz Tadeu da Silva pela colaboração nas tarefas de tradução e revisão; a Maria Alice Nogueira, pela participação nas negociações com Pierre Bourdieu e na revisão final da tradução de seu texto; e a Aldo Jung, pelo esmero na “concretização gráfica” dos esquemas que integram o trabalho de Bourdieu.

Espero que o esforço coletivo que realizamos resulte em agradáveis e frutíferas leituras para nossas leitoras e leitores.

Marisa C. Vorraber Costa

Notas

1. APPLE, Michael W. É impossível entender a escola sem uma teoria da divisão sexual do trabalho... *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.11, n.2, jul./dez., 1986. Entrevista.
2. Trata-se do artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, publicado com tradução de Guacira Louro, em *Educação & Realidade*, v.16, n.2, jul./dez. 1990.
3. A versão norte-americana é de 1986, e a francesa, de 1988.